Estruturas e modelos de ensino excludentes no Brasil: revisitando a história da formação e identidade profissional da Enfermagem

Excludent structures and models of education in Brazil: revisiting the history of Nursing education and professional identity

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; OGUISSO, Taka. **Enfermagem no Brasil**: formação e identidade profissional pós-1930. 1. ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2013. v. 1. 211 p.

Valdeci Silva MENDES[1]
Candida Soares da COSTA[2]

Os debates políticos construídos acerca de demandas que envolvem os temas das dinâmicas das relações raciais no Brasil e educação, têm consentido, ainda que minimamente, inclusão de seus conteúdos nos estudos e pesquisas em diferentes áreas de conhecimento. O livro em exposição, resultado do estudo desenvolvido por Paulo Fernando de Souza Campos em sua pesquisa de pós-doutorado em História da Enfermagem, pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo (USP), no período de julho de 2006 a junho de 2009, sob orientação de Taka Oguisso, renomada enfermeira e pesquisadora sobre história e legislação na enfermagem, caracteriza bem essas novas tendências teóricas, metodológicas e conceituais, ainda que timidamente, presentes nos circuitos científicos educacionais.

---

1 Enfermeiro, Mestre em Educação, Discente do Doutorado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação –PPGE, da Universidade Federal de Mato Grosso –UFMT, vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação –NEPRE, Servidor, Técnico Administrativo em Educação da UFMT. E-mail: <valdeciconexoes@gmail.com>.

2 Coordenadora e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação -NEPRE e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso PPGE/UFMT, nível Mestrado e Doutorado. Ministra desde o ano de 2012, a Disciplina optativa, "*Educação para as Relações Étnico-Raciais"* no Curso de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem - FAEN da UFMT. E-mail:<candidasoarescosta@gmail.com>.

Campos e Oguisso (2013) lançam, com esse livro, novas narrativas e perspectivas de pesquisas educacionais no campo de estudo da história da profissionalização da enfermagem no Brasil. Nesse movimento, revelam atores sociais negros que também contribuíram para a construção da identidade profissional da enfermagem, embora sistematicamente esquecidos por diversas formas e meios, inclusive pelos espaços institucionais formativos. Por motivações raciais, compreendiam que mulheres negras não constituíam a imagem da enfermeira idealizada e nem como membros que formariam a nação brasileira.

O racismo ostentado, estruturado, institucionalizado e disseminado tornara-se uma arma ideológica importante na elaborada identidade profissional da enfermagem. Tese essa que é defendida pelos autores já na parte inicial do livro, com desdobramento em todo o corpo do texto a partir de minuciosas e criteriosas análises. Na apresentação, os autores se reservam a localizar o leitor sobre a origem de suas fontes de estudo para produção da pesquisa, bem como a escolha do método utilizado. Situam, também, como o modelo de ensino preconizado à profissionalização da enfermagem a partir de 1920, no Brasil, impediu o acesso de mulheres negras e homens à Escola de Enfermagem. Argumentam sobre a existência de significativa alteração desse processo com a fundação da Escola de Enfermagem em São Paulo, em 1942.

No capítulo um, intitulado *Cosmopolitismo estigmatizado: debate racial e a enfermagem no Brasil República*, os autores abrem discussão sobre relações raciais no país e na enfermagem. Ao abordarem o *Racismo e enfermagem brasileira*, dialogam com Ieda de Alencar Barreira (1997), Luís Antônio de Castro Santo e Lina Faria (2004) e outros historiadores do campo da profissionalização da enfermagem. Nesse diálogo, Campos e Oguisso (2013) retratam que a implantação oficial do Modelo *Nursing* cristalizou a profissão como própria para mulheres brancas, pois na organização institucional, excluíam candidatas negras.

Assim, a construção da identidade profissional da enfermagem foi sendo forjada com base em conhecimentos eugênicos, que já compunham a teia social, privilegiando grupos e estigmatizando outros como impróprios à nação e à profissão em enfermagem. Nessa contextualização, contrapondo a história oficial, os autores destinam atenção para o tópico seguinte, *Cuidadoras negras: a história (não contada) da enfermagem brasileira*. Para ambos, as amas de leite negras foram uma das primeiras práticas do cuidado formalmente executadas no Brasil, contudo, a matriz teórica da medicina eugênica foi decisiva para seu banimento, principalmente com a instauração do regime político republicano.

No segundo capítulo, denominado *Modernidade e Americanização: Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp)*, os autores centram atenção no processo de americanização da América Latina. Para representar esses episódios transplantados às áreas de conhecimento em saúde e da enfermagem, os autores

elegem a figura emblemática de Nelson Aldrich Rockefeller, segundo filho de John D. Rockefeller Jr., da família multimilionária, donos da *Standard Oil Company*, empresa presente em vários países da América Latina. Essa empresa, ao corroborar financeiramente com a implantação da profissionalização da área de saúde e da enfermagem no país, contribuiu também para sua caracterização política e identitária.

Em *Programa de enfermagem: enfermeiros para o Brasil,* Campos e Oguisso (2013) mostram, como a Escola de Enfermagem de São Paulo estava moldada ao populismo assumido por Getúlio Vargas (1930-1945). Ao caracterizarem esse movimento político, os autores afirmam que, "[...] ao exaltar qualidades como ordem e disciplina, a enfermagem encontrava ressonância com as ideias populistas, valores que as candidatas à alunas na Escola de Enfermagem de São Paulo, registravam com significativa proximidade." (CAMPOS; OGUISSO, 2013, p. 34).

Assim, em *Identidade profissional: a (nova) enfermagem brasileira*, Campos e Oguisso (2013, p.71) são contundentes em afirmar que "[...] o ensino proposto pela Escola de Enfermagem de São Paulo imprimia novas representações à identidade profissional." Ao fazerem tal afirmação, apresentam várias informações que compunha a formação nessa escola. Com toda uma nova logística profissional, representando o contexto empreendedor da época, os autores afirmam que, "[...] estudar no maior Centro Hospitalar da América Latina fabricava representações e sociabilidades que projetavam suas alunas como modernas e profissionais" (CAMPOS; OGUISSO, 2013, p. 71). Nessas análises, os autores abrem o debate em torno do tópico a seguir, que imprime, então, a mensagem do modelo de ensino assumido, *a enfermagem de alto padrão*.

Argumentam que havia em torno da admissão das alunas uma série de critérios que se alinha à busca de um novo padrão de formação e orientação profissional. Eles destacam que "[...] a experiência anterior que notabilizou o modelo-padrão de ensino e assistência, não mais respondia às demandas existentes, inclusive por desconsiderar a possibilidades de mulheres negras e homens ingressarem na escola-modelo, como apontado." (CAMPOS; OGUISSO, 2013, p. 75).

No capítulo três, nomeado *Liderança Paulista: a Escola de Enfermagem de São Paulo*, os autores, em linhas gerais, se dedicam a apresentar a criação da Escola de Enfermagem de São Paulo, seus objetivos e idealizações daqueles que estavam à frente de sua estruturação e organização. Destacam que a Escola atribuiria nova visibilidade à formação e identidade profissional, pois ela foi de grande abrangência na formação de enfermeiras para o Brasil, inclusive "[...] reinserindo mulheres negras e homens na enfermagem nacional [...]" (CAMPOS; OGUISSO, 2013, p. 90). Destacam também que a Escola seguiu

os princípios norte-americanos de ensino, representante do Modelo *Nursing*. A escola mantinha, ainda, vinculação, desde a sua criação, a uma instituição de ensino superior e a um Hospital Escola. Segundo afirmação dos autores, todos esses requisitos contemplados alinhavam a escola de enfermagem a todos os rigores acadêmicos exigidos na época.

No capítulo quatro, *Enfermeiras-Sesp: A Enfermagem em Novas Dimensões*, os autores oportunizam compreender o redimensionamento no ensino da Enfermagem no país. Para eles, diferente do modelo anterior, a formação em enfermagem voltava-se às práticas preventivas e profiláticas. Nessa apresentação, situam a Escola de Enfermagem de São Paulo e sua vinculação ao Programa de Enfermagem. Para os autores, essa parceria permitia novos avanços tecnológicos para uma formação voltada para assistência do campo da administração, condição essa em concordância com o desenvolvimento econômico e social que marcou a Era Vargas.

Assim, no capítulo cinco, *Ilustre Inominadas Mulheres Negras na Enfermagem Brasileira*, Campos e Oguisso apresentam, por meio de fotografias, mulheres negras diplomadas em enfermagem que também contribuíram significativamente na formação da identidade profissional, ainda que invisibilizadas por não serem a imagem da enfermeira idealizada. Em suas considerações finais, os autores optam em retratar como as representações históricas da profissão enfermagem e a construção de sua identidade profissional estiveram vinculadas a um modelo de ensino excludente e discriminatório.

As questões exploradas minuciosamente pelos autores nessa obra tendem a se tornar um marco de referencial teórico importante nos estudos e pesquisas de temas acerca da educação das relações raciais e formação em saúde e na enfermagem. Nesse movimento, abrem-se caminhos de estudos e pesquisas até então ignorados ou considerados sem relevância social.

O livro se destaca pela originalidade do tema abordado, sendo uma leitura indispensável a vários segmentos que compõem o campo das ciências sociais e humanas e, principalmente, das ciências de saúde e da enfermagem. Trata-se de uma leitura com significativa importância para os estudiosos e pesquisadores do campo da história da profissionalização da enfermagem e da saúde e se revela, além disso, como um conteúdo importante para reflexões na formação nessas áreas de conhecimento. Situa-se importante também aos militantes sociais que visam contribuir para o enfrentamento das iniquidades raciais em saúde e, consequentemente, para o enfrentamento do racismo na sociedade brasileira e aos que elegem a educação como instrumento indispensável nesse processo.

Referência

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; OGUISSO, Taka. **Enfermagem no Brasil**: formação e identidade profissional pós-1930. 1. ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2013. v. 1. 211 p.

Recebimento em: 24/10 2017.
Aceite em: 30/11/2017.